

O último suspiro

Joguei os livros e o fichário em uma das cadeiras da mesinha da lanchonete e deixei meu corpo cair cansado na outra.

Aquela era a única pausa que me sobrava entre o trabalho e o cursinho. A pausa para o meu jantar. Os únicos trinta minutos que eu podia chamar de “meus” a cada 24 horas.

As oito horas na loja eram sempre um sufoco. Freguesas malcriadas ou indecisas faziam-me esvaziar prateleiras e saíam deixando tudo para eu dobrar e empacotar de novo. Poucas vezes aparecia algum ser humano em forma de mulher para experimentar uma roupa que afinal compraria e, mais raramente ainda, alguém que saísse com um sorriso ou um “muito obrigada”.

Mas eu precisava daquele trabalho. O cursinho era caro, a vida era cara e...

E a vida era dura.

Eu tinha de criar uma segunda vida, depois dos tombos que já havia levado na tão curta vida que eu já vivera e queria deixar para trás. Havia acabado de completar dezoito anos e estava conseguindo deixar os outros aniversários para trás, junto com a família que nunca mais teria pista do meu paradeiro. Que alternativa eu teria? Para fazer meu segredo desaparecer, eu teria de desaparecer junto com ele.

Sempre trabalhando de dia e estudando à noite, a duras penas eu havia conseguido terminar o ensino médio. Agora precisava consertar tudo o que não havia aprendido direito para enfrentar com alguma chance o vestibular no meio do ano. Eu seria advogada. Só dependia da minha disposição e do meu querer. E eu queria.

A garçonete deixou o pedido sobre a mesa e voltou-me as costas, sabendo que de mim não sairia gorjeta. Um sanduíche e uma vitamina mista. Eu sempre pedia a mesma coisa.

Pesquisei atentamente o porta-canudinhos, procurando minha cor predileta. Escolhi um e enfiei-o no líquido pastoso. Sorvi lentamente, saboreando o gosto adocicado. Um gosto de açúcar que não mais fazia parte do meu ser. Meu último grão da doce alegria da juventude na certa já havia sido diluído por minhas lágrimas. Lágrimas que eu não tinha mais o direito de chorar. Para reconstruir minha vida, desde o ponto zero, tinha de manter os olhos secos, fixados em frente, sem jamais olhar para trás.

Meus olhos, baixando-se na direção do copo, cruzaram-se com outro olhar. Um olhar de mulher. Uma senhora de certa idade. Nem bem nem mal-vestida. Arrumada, penteada, em ordem. Mas com uma expressão que lhe desfazia a aparência. Estava de pé, na entrada da lanchonete. Imóvel. Os olhos fixados diretamente nos meus.

Por um segundo, me senti sem jeito, desviei o olhar. Quando voltei novamente a cabeça, a mulher tinha desaparecido.

Segurei o sanduíche com um guardanapo de papel e levei-o à boca. O calor do recheio tocou-me os lábios. Mas eu não conseguia morder. O olhar parecia ainda presente, como se a mulher ainda estivesse ali, de pé, a espiar-me inconvenientemente. Uma intrusa? Bom, talvez tivesse sido só impressão minha. Consumi lentamente o sanduíche e tentei esquecer o acontecido.

* * *

No outro dia, amanheci de uma noite mal dormida, em que um estranho olhar me perseguia durante cada cochilo, entre os intervalos da insônia.

Não me atrasei para o trabalho, mas cumpri o que tinha de cumprir como uma sonâmbula. Uma freguesa reclamou de uma blusa com defeito, comprada na véspera. Tratou-me como se tivesse sido eu a costureira que cometera um erro só para prejudicá-la. Ouvi calada as más-criações da mulher. Por um momento, pareceu-me ver os mesmos olhos da véspera a espiar na porta da loja. Mas foi só por um momento.

“Estou muito cansada... Foi essa noite de insônia. Estou imaginando coisas...”, pensei, sacudindo a cabeça, e voltei para as prateleiras, em busca de uma blusa sem defeito. “Vai ser difícil... essa dona é manequim 50. Também, com esse peito...”

* * *

Voltei à lanchonete de todos os fins de dia. Minhas pernas estavam pesadas e eu adoraria faltar naquela noite ao cursinho e atirar-me na cama do pensionato, onde eu justapunha minha solidão às solidões de outras deserdadas como eu. Mas, àquela hora, eu não podia me dar ao luxo de dormir. Entrar para a faculdade só dependia de mim. Eu era

jovem, ainda era jovem. Tinha de encontrar forças para enfrentar todos os obstáculos que me separavam do curso de Direito. E o cansaço era meu principal adversário, mesmo aos domingos, único dia que me restava para estudar todo o programa do vestibular.

Sentei-se e pedi o mesmo sanduíche e a mesma vitamina.

E lá estava o mesmo olhar.

O cansaço impediu que eu me movesse ou desviasse o rosto. Era a mesma senhora mais uma vez, sentada à frente de uma das mesinhas da lanchonete, com os dedos envolvendo uma xícara fumegante. Parecia que a xícara e seu conteúdo eram apenas uma desculpa para ela estar sentada ali, me espiando.

Fiz que olhava para fora, mas, com o canto dos olhos, dei uma boa observada na estranha mulher.

Um rosto amassado. Uma expressão de cansaço, de profundo... profundo o quê? Desespero? Nem tanto. Tristeza? Solidão, talvez? Alguma perda? Eu não saberia dizer. Afinal, o que uma jovem como eu podia conhecer das dores dos velhos? E – afinal de contas – o que eu tinha a ver com o sofrimento de velhas desconhecidas? Com as minhas dores, com o meu cansaço, com o meu desespero, não tinha ninguém que se preocupasse. Desde que... Bem, eu não queria recordar as surras que eu já tinha levado em minha vida ainda tão curta. Precisava esquecer as decepções que tinham feito com que uma garota tão jovem como eu estivesse ali, sozinha como uma estrangeira na cidade grande. Esquecer? Como se pode apagar da memória as lembranças que nos fizeram sofrer e renovam a dor cada vez que emergem ao consciente?

Uma lágrima me rolou pelo rosto. Em momentos como aquele, eu pensava que nem o céu nem o inferno são iguais para todos. O mais provável é que a redenção da eternidade seja recordar somente o que foi bom, apagando da memória o que nos envergonhou e o que nos fez sofrer. E o inferno, na certa, só podia ser sentir o fogo eterno dos remorsos, dos arrependimentos, das culpas nunca resolvidas, das porradas da vida... Mas, se eu pudesse me esquecer de tudo que tinha dado errado em minha vida, como aprender a viver? Sem todas as experiências, como viver? É... a memória de tudo, a conservação das boas e das más recordações deve ser o purgatório. A vida de verdade é o purgatório...

Amor demais... Será que todo mundo, neste mundo, amou demais como eu tinha amado? E será que todo mundo, neste mundo, sofreu tanto por tanto amar? E será que todos que agora são

adultos têm de viver fugindo das consequências desse desesperado amor? Dessa imensa frustração? Toda a Humanidade é composta por fugitivos?

Eu jamais pudera dividir com ninguém a recordação das misérias das quais eu fugia. Tudo devia ficar para sempre enterrado dentro de mim. Se aquelas experiências deveriam servir para o meu amadurecimento, para a minha transformação em uma mulher adulta, esse “privilegio” deveria ser só meu. Minhas dores eram o meu segredo. Minhas recordações eram o meu suplício. Era esta a pena que eu deveria cumprir ao longo de toda a minha vida em expiação pelo crime de ter amado demais o amor errado...

Recordar, como sempre, me fez chorar.

Enterrei o olhar molhado no sanduíche, fugindo de encarar a velha e as dores internas, afloradas pelo cansaço.

Mas aqueles olhos me queimavam, me perseguiram, me desnudavam.

Levantei-me, sem tocar no lanche nem olhar para trás. Joguei o dinheiro certo sobre a mesinha e saí.

Que lá ficasse a velha com seu olhar penetrante e intrometido.

* * *

“É melhor tomar o lanche no cursinho”, eu pensava, na tarde seguinte, sem confessar a mim mesma que não aguentaria mais a presença daquela estranha figura.

Mas, como se não pudesse comandar minhas próprias pernas, caminhei para a mesma lanchonete, sentei-se e pedi o mesmo lanche à mesma garçonete.

E, na mesma hora, senti o olhar da mulher. Não me voltei. Sabia, porém, que a desconhecida estava ali, atrás de mim, a olhar-me fixamente. Não movi um músculo. Estranhamente, não tive medo, mas eu sabia que alguma coisa estava para acontecer.

A mão tocou-me delicadamente o ombro. Uma presença cálida ao meu lado projetou uma sombra sobre a mesinha.

– Boa tarde... ou melhor, talvez já seja boa noite, não é? Está tão escuro... – era uma voz tranquila, resignada, sem qualquer nota de agressividade.

Ergui os olhos. Lá estava a estranha mulher, com um leve sorriso nos lábios. Era um sorriso tímido.

– Posso sentar-me ao seu lado? – pediu a senhora, também timidamente, com um fio de voz.

– Si... sim... – respondi, sem encontrar meios para negar.

A mulher juntou os livros que estavam sobre o assento da outra cadeira e sentou-se suavemente. Pegou alguns guardanapos de papel e limpou cuidadosamente um canto da mesinha, antes de colocar ali os meus livros.

– Desculpe, eu... – interrompeu-se.

Vista agora, de perto, era uma mulherzinha frágil. Tanto o corpo como a voz pareciam poder quebrar-se a qualquer momento, como um graveto ressecado. A pele do rosto era delicada e pálida. Teria talvez alguns anos a mais do que a mãe que eu havia deixado para trás.

– Você não me conhece, menina, eu... – a estranha senhora não conseguia falar o que devia ter para falar.

Observei-a melhor, também sem nada dizer. Nada havia que eu pudesse dizer. Era melhor calar-me e esperar que a mulher conseguisse forças para começar.

As mãos da senhora eram talvez a parte mais frágil do quadro inteiro: finas, magras e mais pálidas do que o rosto. Tremiam um pouco. Mas os olhos... Ah, os olhos! Quanta bondade... Isso! Era bondade o que havia neles. Mais do que sofrimento, havia bondade naquele olhar penetrante. Os olhos continuavam fixos nos meus e revelavam franqueza, honestidade. Naquele instante, eu não podia entender por que eles me haviam assustado. Nada havia a temer, eu agora percebia. Era impossível haver algo perigoso por trás de um olhar como aquele.

A mãozinha da mulher ergueu-se lentamente em direção ao meu rosto. Tocou-me a face com uma delicadeza que eu jamais havia sentido. Aquele toque fez bem a mim e parecia também fazer bem a ela. Aproximou-nos definitivamente. Deu-me forças para ouvir e a ela para falar:

– Você... você é tão bonita...

– Obrigada...

A senhora recolheu a mão e guardou-a no colo, como uma criança pilhada em travessura:

– Desculpe, você não me conhece, e eu, aqui, com essa intimidade...

Sorri, acho que sorri. Tive pena da timidez da mulher e falei, para colocá-la mais à vontade:

– Eu a conheço sim. Eu notei a senhora aqui. Duas vezes, olhando para mim.

– Oh, desculpe! Eu não queria...

– Não faz mal. Não precisa desculpar-se. Eu só estava curiosa. É que... eu não me lembro de tê-la visto antes...

– Não, não. Você realmente não me conhece. Você disse que me notou por duas vezes a espia-la. Mas já faz cinco dias que eu venho aqui para vê-la...

Aquilo foi mesmo uma surpresa para mim:

– Cinco dias?! Mas por quê?

A mãozinha ergueu-se mais uma vez, espalmada:

– Desculpe... Mais uma vez, desculpe. Não se assuste. Sabe? Eu a vi outro dia, aqui nessa lanchonete. Você é tão parecida com...

– Sua filha?

– Não, não, minha filha não. Eu não tenho filha. Só um filho. Ele...

O rosto frágil recolheu-se junto com a mãozinha. O olhar brilhou, subitamente umedecido por uma lágrima, dessas que só as mães sabem chorar.

– Desculpe, eu não queria...

Pus a mão no ombro da senhora, procurando acalmá-la.

– Pare de desculpar-se. Não há nada para ser desculpado.

A senhora puxou um lenço de dentro da bolsa e tocou levemente os olhos, enxugando uma pequena lágrima de cada um.

– Eu a segui porque... eu... eu preciso de um favor.

Um favor? Que favor poderia eu prestar àquela desconhecida? Dinheiro? Não. Se quisesse dinheiro, a mulher procuraria certamente alguém com uma aparência mais próspera que a de uma pobre balconista que sonhava transformar-se em advogada. Que favor poderia eu prestar a alguém?

– Menina, eu... Sabe? Eu tenho um filho. Um filho só. Meu marido já morreu. Eu não tenho mais ninguém no mundo. Só esse filho. Ele vai fazer vinte e oito anos. Acho que não... Ai, ele nem vai conseguir fazer vinte e oito anos...

Os olhos umedeceram-se de novo. Senti que havia um toque de morte naquelas

novas lágrimas.

A mulher fez um enorme esforço para recompor-se. Conseguiu até esboçar um sorriso. Encarou-me, transmitindo bondade novamente. Mas o que seus olhos pediam era piedade.

– Você não tem nada com isso, minha filha. Deve achar estranho uma velha intrometida, que você nunca viu, aparecer assim de repente, com uma história tão triste... Mas você não tem nada a ver com a minha história, nada a ver...

Senti uma grande necessidade de ouvir o que a mulher tinha a dizer. Todo aquele suspense me deixava ainda mais inquieta do que o olhar pesquisador dos últimos dias.

– Ele... o meu filho, sabe? Ele está mal. Ele está muito mal. Ele... ele está no fim...

Dessa vez, a revelação. Feita claramente, de frente, sem lágrimas. A mulher já devia ter chorado aquela perda iminente tudo o que era capaz de chorar.

– Ele está no hospital. Vou para lá agora. Eu quase nunca saio de lá. Pobrezinho do meu filho, tão moço! O que ele tem é incurável. Ele mal enxerga... Ele delira. Ele só fala nela...

– Nela? Quem é ela?

A mulher sorriu de novo, dolorosamente.

– Ela foi o fim dele. Oh, é claro! Eu sei o que você está pensando. Para as sogras, todas as noras são uns demônios... Não. Eu nem a conheci.

Esperei. Esquecera-me do horário do cursinho.

– Ela era bem mais nova do que ele. Teria sua idade, mais ou menos, agora. Foi uma grande paixão. Ele sumiu junto com ela. E reapareceu sem ela. Ela o deixou, sem uma palavra, como se tivesse sido levada pelo vento. Dela eu só vi uma fotografia. Uma foto mal-tirada. Os dois juntos, em algum lugar que eu nem sei onde é. Os dois sorrindo, abraçados... A foto! É a única coisa que ele olha, com aqueles olhos apagados pela doença...

– Como ela se chama?

– Nem isso eu sei... Ele não fala nela, não diz nada. Só fixa os olhos na foto... Eu nem tenho coragem de perguntar a ele nada sobre essa mulher. Procuo falar de outras coisas, afastar a ideia fixa dele, mas o sofrimento da ausência dela parece ser até maior do que as dores da doença...

A conversa reticente parou por um longo momento. Meus olhos estavam baixos e os dela também. Cada uma de nós reavaliava a extensão de seus espinhos internos, cada

uma de nós duas tremia por dentro sentindo reabrirem-se as cicatrizes causadas por esses espinhos.

Levantei o olhar e procurei sorrir. Estendi a mão e acariciei o rosto da mulher, procurando retribuir a mesma delicadeza que eu havia recebido no início daquele estranho encontro:

– Mas de que adianta desenterrar todo esse sofrimento, agora que... – interrompi-me, percebendo que não podia pronunciar as palavras que me vinham aos lábios.

– Agora que ele está para morrer? Não se acanhe em dizer a palavra certa. Eu sei que meu filho está morrendo. Meu único filho... Não importa quem foi essa mulher nem o que ela fez a ele. Agora nada mais importa. Mas ele gostaria de vê-la de novo antes de morrer. Acho que morreria mais feliz se, uma última vez... – parou, emocionada.

– Mas, sem nem um nome para procurar, como a senhora vai encontrar essa moça?

– Ela desapareceu, minha filha. Abandonou-o como a um cão e desapareceu. Mas...

– Mas o quê?

A mulher empertigou-se na cadeira, decidida:

– Eu vi você, minha filha. Só o que eu conheço dela é aquela foto. E você é tão parecida com ela... Magrinha também, com esse narizinho que...

– Eu sou parecida com ela? Com a moça da foto?

– Sim. Tenho certeza de que, agora que a doença está lhe tirando a visão, para o meu filho você será ela, com perfeição...

Subitamente, entendi as intenções da mulher. Eu sentia o coração acelerado, como se quisesse subir garganta acima e sufocar-me:

– Quer dizer... Quer dizer que a senhora gostaria que eu...

– Sim, minha filha.

– Mas...

– Sei que é pedir demais. Você não me conhece, não tem nada a ver com um jovem rapaz que está morrendo, mas seria uma caridade enorme se você concordasse em representar esse papel. Você seria o anjo bom que ajudaria o meu filho a despedir-se da vida...

Pus-me de pé e peguei os livros que estavam sobre a mesa.

– Minha senhora, me desculpe, mas eu tenho hora no cursinho...

A mulher levantou-se também:

– Oh, é claro, minha filha. Que tola eu fui de trazer para você, tão jovem, os meus problemas. Problemas tão comuns, não é verdade? Me desculpe, eu não tinha esse direito. Esqueça, me desculpe...

– A senhora é que deve me desculpar. Mas eu trabalho o dia inteiro, tenho cursinho à noite e...

– É claro, minha filha. Eu suponho até que você precise de dinheiro. Tenho pouco, a doença do meu filho está levando tudo, mas eu poderia arranjar...

Dei-lhe as costas e corri para fora, sem querer ouvir mais nada.

* * *

Corri como se fugisse de um perigo assustador, mas não consegui passar da primeira esquina. Lá, oculta nas sombras, voltei-me e olhei para a porta iluminada da lanchonete.

Com passinho miúdo, encolhida como um gatinho molhado, a silhueta da senhora surgiu recortada no retângulo de luz. Ela parecia ter desistido. Andava como envergonhada da tola tentativa. Andava com alguma pressa, e seu caminho a levava em direção à esquina onde eu me escondia.

Não me movi em meu esconderijo. Minha cabeça fazia voltas enquanto eu esperava a passagem da estranha senhora.

No momento em que o corpinho miúdo passou por mim, coloquei-me ao seu lado:

– Está bem. Vou com a senhora.

– Obrigado, minha filha. Deus lhe pagará.

Eu faltaria ao cursinho naquela noite.

* * *

Àquela hora, o hospital tinha o cheiro de vazio de todos os hospitais, mas o andar onde nós duas saímos do elevador recendia a morte.

O quarto do filho estava pouco iluminado, somente um abajur amarelava o ambiente.

A mulher aproximou-se do leito do rapaz com seu andar de sombra. Tocou-lhe a testa.

– Boa noite, meu filho.

Contendo o medo, com o coração aos pulos, aproximei-me também. O moribundo mexeu-se um pouco. Um gemido surdo esfriou ainda mais o ambiente.

– Meu filho, eu tenho uma surpresa para você.

O olhar da mãe, cheio daquela bondade reforçada pela gratidão, voltou-se para mim. Era o sinal para iniciar-se o espetáculo. Era a deixa para que eu comesse a representar um papel para o qual não tinha ensaiado, mas que a pobre mulher precisava que fosse bem representado.

Passei para o outro lado da cama e olhei o rapaz.

Os cabelos estavam penteados e a barba cuidadosamente raspada, certamente pelo carinho da mãe. Parecia que a mulher tinha certeza de que eu aceitaria o estranho convite e tinha preparado o filho para aquele encontro. Até mesmo a luz mortiça poderia fazer parte da encenação: a visão do moribundo talvez não estivesse tão apagada, e a mãe não queria que o engano fosse descoberto.

Mas o rapaz era quase um cadáver. Eu jamais vira alguém tão magro, tão encolhido, com uma cor tão pálida. Respirava com dificuldade. Devia ter sido um belo rapaz, mas o que restava sobre aquela cama de hospital era um caco de gente. Os olhos estavam afundados dentro de dois círculos negros. As orelhas projetavam-se, enormes, ressaltando a magreza do rosto. As mãos, abandonadas sobre o corpo, eram as mãos de um velho. Não, ele não chegaria aos vinte e oito anos.

Cerrei por um momento os olhos, como se repassasse o texto de uma peça de teatro que eu nunca lera antes. Meu coração acelerava-se mais ainda e eu não sabia até onde ele poderia acelerar-se, sem me matar. Respirei fundo, buscando coragem para entrar em cena, abri os olhos, procurei o meu melhor sorriso e debrucei-me sobre o moribundo.

Os olhos do rapaz vaguearam à procura da fonte de calor que ele sentia aproximar-se. Os olhos estavam embaçados, turvos, mas fixaram-se no meu rosto que se projetava sobre ele, e as sobrancelhas contraíram-se, surpresas.

– Querido... eu estou aqui. Eu voltei, meu amor...

Um sorriso bonito iluminou aquele rosto horrivelmente deformado pela chegada da morte. Seus lábios abriram-se, tentaram falar, mas nada mais conseguiram senão um balbúcio.

– Psiu... não fale, meu querido – sussurrei, bem perto do rosto do rapaz. – Não pre-

cisa dizer nada. Eu estou aqui. Nunca, nunca mais vou te deixar...

Passei os braços em volta dos ombros magros do rapaz e descí a cabeça, beijando-lhe ternamente os lábios.

Quando, por fim, ele parou de respirar, tinha o rosto molhado pelas minhas lágrimas. A mãe não se desesperava. Tinha se preparado para aquele desenlace. Mas talvez, para ela, esse desenlace tivesse sido um pouco menos duro com a minha presença. Ela abraçou-me apertado e disse, num fio de voz:

– Obrigada...

* * *

Um minuto depois, consegui percorrer os corredores do hospital sem chorar. Meu coração batia normalmente, num ritmo calmo.

Como se uma morte pudesse realizar um milagre junto com um último suspiro, minha decisão estava tomada.

Entreí no ônibus cuja direção eu pensava jamais voltar a percorrer e descí no ponto onde eu havia decidido nunca mais pisar. Corri apressada pela calçada da qual queria fugir e cheguei à frente da placa do portão cujo letreiro eu nunca mais gostaria de ler:

ORFANATO

Lembrei-me muito bem da diretora que havia me tratado tão secamente da última vez. Eu imaginava que teria de lutar, argumentar, pelejar para tentar reverter a decisão que havia pouco tempo eu havia trazido ali com tanta convicção. Talvez fosse impossível rasgar os papéis que havia assinado como se um traço de caneta pudesse apagar minha paixão, minha entrega, meus erros, meus sofrimentos. Talvez fosse tarde demais e...

Mas a diretora não parecia um adversário a derrotar. Desta vez ela me olhava com uma luz de compreensão, de experiência, que me surpreendeu.

– Já sei porque você está aqui, de volta, mocinha.

– É que... eu queria...

– Sei, muitas vezes isso acontece. Quando você esteve aqui, eu sabia que acabaria



voltando. Por isso, nem dei andamento nos papéis de adoção...

* * *

Agora era certo que eu não mais conseguiria levar adiante meus planos. Na certa seria impossível tornar-me uma advogada. Eu teria de dar duro na loja, de lutar de verdade. Mas todo o meu ser vibrava com a certeza de que, desta vez, eu estava fazendo a coisa certa. Meu louco amor não tinha sido em vão. Dele eu jamais poderia fugir. O fruto dessa paixão não podia ser abandonado. Esse fruto não podia ser um segredo. Era uma revelação. Uma doce revelação. O meu futuro. O futuro...

No doce sacolejo do ônibus, meu bebê, aconchegado de novo em meu colo, dormia como um anjo.